

Apresentação

Hélio Alexandre da Silva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SILVA, HA. *As paixões humanas em Thomas Hobbes: entre a ciência e a moral, o medo e a esperança* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 121 p. ISBN 978-85-7983-024-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

No prefácio de *Do Cidadão*, Hobbes diz que as afecções da mente (paixões humanas) não podem ser tomadas como perversas em si mesmas e o exemplo disso pode ser apresentado quando observamos uma criança que tem fome e não é alimentada, ela chora e pode se tornar agressiva, porém isso não significa que ela seja má, mas sim que ela *reage* a uma necessidade natural.

As afeições da mente que surgem somente das partes inferiores da alma não são perversas em si mesmas [...]. Se não dermos às crianças tudo o que elas pedem, elas serão impertinentes, e chorarão, e às vezes até baterão em seus pais, e tudo isso farão por natureza; e no entanto não têm culpa, e não será apropriado dizê-las más (Hobbes, 1998, p.17-8).

O mesmo pode ser observado no *Leviatã* quando Hobbes diz que “Os desejos e outras paixões do homem não são em si mesmos um pecado. Tampouco o são as ações que derivam dessas paixões” (Hobbes, 2003, p.110). O propósito desse trabalho é compreender as possibilidades e as implicações dessa afirmação, ou seja, entender as paixões humanas na obra de Hobbes como um movimento de

reação¹ à ação do movimento de objetos externos de modo que, por isso, elas não podem ser tomadas como boas ou más em si mesmas, mas sim como reações naturais próprias da lógica de funcionamento de todos os corpos naturais, inclusive o homem. Nesse sentido, a ética (que para Hobbes é o estudo das consequências das paixões da mente) deve ser melhor compreendida se a tomarmos como parte derivada da análise dos corpos naturais, e que, portanto, remete à consideração acerca da ciência física, como é exposto na tábua do conhecimento ilustrada por Hobbes no cap. IX do *Leviatã*.

Brevemente, é possível descrever esse capítulo da obra hobbesiana da seguinte forma:

Da Filosofia (ou conhecimento das causas e consequências) deriva a filosofia natural e a filosofia política ou civil. Da filosofia natural surge a física (consequência das qualidades dos corpos). Esses corpos podem ser *transitórios* ou *permanentes*. Do estudo das consequências dos corpos *permanentes* deriva o estudo das consequências dos corpos *terrestres*, do estudo dos corpos terrestres surge o estudo das consequências das partes da terra (que não têm sensação) e o estudo das consequências das qualidades animais. A partir da consideração das qualidades animais, têm-se dois objetos de estudo: a consequência das qualidades dos animais em geral e a consequência das qualidades do homem em especial. E, por último, do estudo das consequências da consideração do homem deriva o estudo das consequências das paixões da mente, que é o que Hobbes nomeia Ética.

No entanto, entender que as paixões humanas devem ser pensadas a partir da consideração da ciência dos corpos naturais não significa que não exista em Hobbes uma antropologia, isto é, características que permitam distinguir e definir o que é próprio do homem enquanto corpo natural daquilo que é comum a todos os demais

1 Entender as paixões como reação não significa que elas sejam simples reações mecânicas que se seguem diretamente da ação de objetos externos, é preciso notar que o homem hobbesiano pode deliberar acerca de suas vontades e que a imaginação possui conteúdos experienciais que auxiliam na formação das paixões. Tais considerações porém serão feitas no terceiro capítulo desse trabalho que tratará especificamente das paixões humanas.

corpos naturais. Contudo, mesmo essa consideração de caráter antropológico também pode ser feita à luz da ciência mecanicista, ou seja, considerando a existência de uma relação entre a filosofia natural e a filosofia política na obra de Hobbes.

O primeiro momento desse trabalho será desenvolvido com o intuito de tentar expor essa hipótese, assim o ponto de partida, ou seja, o primeiro capítulo, será a análise da ciência hobbesiana, a saber, do *De Corpore*, não com a intenção de compreender toda a obra, mas com o intuito de apontar os conceitos que Hobbes utiliza em sua abordagem da filosofia moral e da política. Desse modo, o intuito é buscar na filosofia natural não apenas o vocabulário, mas algo como um “padrão comum de interpretação” presente em toda a obra hobbesiana, isto é, buscar na própria obra do filósofo inglês aspectos que nos permitam sustentar uma relação direta ou indireta entre a ciência mecanicista e a política, de tal modo que as paixões humanas possam ser consideradas a partir dessa relação.

Como consequência dessa leitura que busca entender a obra de Hobbes como um todo coerente entre suas partes constitutivas, isto é, filosofia natural, filosofia moral e política, é que se seguirá o segundo capítulo desse trabalho. Nesse momento, será preciso dialogar com alguns intérpretes que não compactuam com a visão que entende a obra hobbesiana como um todo que deva ser compreendido a partir de uma interpretação que se inicie pela filosofia natural, ou seja, pela consideração da ciência dos corpos naturais.

Trabalharemos brevemente três desses autores que reconhecidamente se situam entre aqueles que sustentam uma interpretação que vê em Hobbes um princípio que pode não ser necessariamente científico. Contudo, a abordagem a esses autores irá se restringir apenas ao ponto que se faz relevante para esse trabalho, de modo que não serão exaustivamente reconstruídos todos os argumentos que eles desenvolvem no sentido de sustentarem suas interpretações da obra hobbesiana. O ponto que cabe aqui analisar é o motivo que faz com que Warrender e Taylor (cada um a seu modo, como veremos no capítulo 2) possam sustentar a existência de uma moral *a priori* sem que seja necessária a consideração da ciência natural de matriz

mecanicista. E também analisaremos o argumento que faz com que Strauss possa sustentar a independência da moral e da política com relação à ciência moderna, já que a moral e a política estariam fundadas na experiência de cada um e não na ciência natural. Desse modo, analisaremos brevemente a posição de cada um desses autores:

- Warrender, que substitui a ciência pela lei divina;
- Taylor, que no lugar da ciência lança mão de um princípio *a priori* semelhante ao imperativo categórico kantiano;
- Strauss, que elege a experiência de uma paixão, a vaidade, como princípio norteador da moral hobbesiana.

Assim, cada qual a seu modo, defende a ideia de que a filosofia natural *pode* ser desconsiderada quando o intuito for compreender a filosofia moral e a política hobbesiana. Esses autores só podem levar a cabo suas respectivas interpretações graças ao fato de não considerarem a relação que o trabalho que aqui se apresenta supõe existir. Para realizar a crítica em relação à visão dos autores supracitados, apoiar-nos-emos em vários comentadores da obra de Hobbes, porém a ênfase será dada especialmente na abordagem realizada por Thomas Spragens na obra *Politics of Motion*.

Posteriormente, será dado o terceiro e último passo, qual seja, a consideração das paixões humanas como reação à ação de movimentos de objetos externos. Ora, como considerar as paixões humanas como um movimento de ação e reação provocada pela incidência de objetos externos, se Hobbes afirma que existe um movimento ínfimo que é o “início dos movimentos, no interior do corpo do homem, antes de se manifestarem no andar, na fala, na luta e em outras ações visíveis, [que] chama-se geralmente ESFORÇO” (Hobbes, 2003, p.47).² Bem, é possível entender esse esforço (*conatus*) como um movimento. Porém, não é apenas um simples movimento mas um movimento primordial, inicial e interno que possui sua origem na

2 *Principia haec motus parva, intra humanum corpus sita, antequam incedendo, loquendo, percutiendo, caeterisque actionibus appareant, vocantur conatus* (Opera Latina, in Hobbes, 1966b, v.2, p.40, grifo do autor).

ação dos movimentos dos objetos externos que afetam os sentidos e são levados até o interior do corpo humano. Atingido o interior do corpo humano esse movimento se manifestará como um movimento primordial e interno, isto é, como um esforço (*conatus*) que é o início dos demais movimentos humanos.

No terceiro capítulo, abordaremos a questão das paixões humanas, entretanto não será analisado todo o aparato passional hobbesiano, mas apenas duas paixões em especial, qual seja, a esperança (que é expectativa de bem futuro) e o medo (expectativa de mal futuro). O motivo de escolher essas duas paixões é a relevância que Hobbes oferece a elas como duas paixões que, ao lado da razão, levam o homem a sair do estado de natureza (caracterizado pela guerra e pela desconfiança) e construir o pacto que possibilita a edificação do aparato jurídico necessário para sustentar o Estado civil (caracterizado pela paz e pela confiança). Ao dar relevância a essas duas paixões em especial, parece ser possível entendê-las como um tipo de medida moral universalmente válida que é capaz de construir um acordo natural entre os homens no sentido da necessidade da construção do Estado soberano. No entanto, é em outro sentido que pretendemos entender tal relevância dada à esperança e ao medo, qual seja, como paixões humanas que não são capazes de oferecer tal universalidade moral, pois são reações causadas pela ação do movimento de objetos externos, e nesse sentido não é possível um acordo (pacto) comum entre os homens no estado de simples natureza que possa ser confiável, pois sem o Estado civil o que vigora é a desconfiança mútua gerada pela competição natural pelos meios que auxiliam a preservação da vida. E onde há desconfiança não há espaço para contratos.

Amparado no que foi discutido nos dois primeiros capítulos, faremos a discussão do terceiro, de modo que sem a consideração prévia da filosofia natural não seria possível dar cabo da análise das paixões humanas no sentido que aqui se pretende, ou seja, como reações provocadas pela ação do movimento de corpos externos e que, por isso, não são capazes de oferecer uma universalidade capaz de unir os homens no simples estado de natureza.